

CASAMENTO PERFEITO: AS MÍDIAS DIGITAIS E A PROPAGAÇÃO DE NEGACIONISMOS HISTÓRICOS NA INTERNET

PERFECT MARRIAGE: DIGITAL MEDIA AND THE PROPAGATION OF HISTORICAL DENIALISM ON THE INTERNET

Gabriela Cruz Abreu¹

Resumo: O negacionismo e a proliferação exacerbada de notícias falsas é uma problemática grave no tempo presente e que tem gerado uma preocupante crise epistemológica e de relação com a verdade na contemporaneidade. Sabe-se que a disseminação de negacionismos não é algo inerente à atualidade, mas que encontrou na Internet e nas mídias digitais o cenário ideal para sua propagação em massa. Logo, o objetivo central deste artigo é debater questões relacionadas sobre o advento das plataformas digitais, com foco no Youtube e a germinação dos negacionismos históricos nesses canais, bem como sua consequente influência no debate público no Brasil.

Palavras-chave: Negacionismo; Internet; Mídias digitais.

Abstract: Denialism and the exacerbated proliferation of fake news are serious problems in the present time and have generated a worrying epistemological crisis and a crisis in the relationship with truth in contemporary times. It is known that the dissemination of denialism is not something inherent to the present day, but that it has found the ideal scenario for its mass propagation on the Internet and digital media. Therefore, the main objective of this article is to discuss issues related to the advent of digital platforms, focusing on YouTube and the germination of historical denialism on these channels, as well as its consequent influence on public debate in Brazil.

Keywords: Denialism. Internet. Digital media

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Bolsista pela CAPES. Membro do Laboratório de História Oral e Imagem – LABHOI. Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: gabrielaabreu@id.uff.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5072315233157462>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1341-2723>.

INTRODUÇÃO

“Casamento perfeito, prole numerosa”. Essa é uma expressão utilizada pelo professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), João César de Castro Rocha (2021) em seu livro “Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político” publicado em 2021. As discussões elaboradas no livro são de extrema importância para o entendimento da problemática envolvendo a disseminação de negacionismos na cena pública brasileira nos dias atuais e serão abordadas ao longo deste artigo. Porém, é importante elencar que a expressão “Casamento perfeito, prole numerosa” deu título a esse texto por referir-se à união ideal e muito bem-sucedida entre as redes sociais e a proliferação exacerbada de negacionismos no tempo presente. Assim sendo, é evidente que a Internet e as mídias digitais forneceram o palco perfeito para a atuação dessas narrativas negacionistas e possibilitaram a sua disseminação em massa.

Logo, a rede mundial de computadores e as mídias sócio digitais oriundas dela como Instagram, Telegram, Facebook, Whatsapp, Youtube entre outras, tornaram-se campos férteis de disseminação de discursos negacionistas sobre a História. Apesar da imprensa já ter aberto espaço para a disseminação de negacionismos, em jornais de grande circulação como O Globo e a Folha de São Paulo como apontado por Odilon Caldeira Neto (2009), foi por meio da Internet que os falseamentos ganharam proporções exorbitantes e proliferação em massa.

Por essa perspectiva, neste artigo abordaremos questões pertinentes referentes a esse meio digital enquanto propagador de negacionismos. Visto que, a Internet tornou-se, mais recentemente, um importante rastro para a problematização do passado, assim como o jornal, a fotografia, o filme, a televisão e o rádio, que se tornaram objetos de estudo do conhecimento histórico desde meados do século XX (Meneses, 2019) com a ampliação das fontes proposta pela *École des Annales* (Escola dos Annales) nos anos 1930 (Oliveira, 2014).

Nesse sentido, compreender a Internet enquanto um objeto de investigação da História e formador de produtos midiáticos sobre o conhecimento histórico, assim como entender a plataforma de compartilhamento de vídeos chamada Youtube como um canal produtor dessas narrativas midiáticas negacionistas são os objetivos primordiais deste texto. O Youtube será apontado como a fonte principal de análise neste estudo, pois é uma plataforma detentora de grande capacidade de propagação e armazena grandes produtores de conteúdos abusivos sobre o passado, exemplificando canais como o Brasil Paralelo, o Lobo Conservador, o Professor Terra Plana dentre outros.

INTERNET: UM DOS FENÔMENOS HISTÓRICOS MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO E DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

Antes de iniciar o debate sobre a plataforma de hospedagem e compartilhamento de vídeos na Internet, chamada Youtube, que é o foco primordial das discussões abordadas neste artigo, é de extrema relevância pensar sobre o fenômeno da Internet como um todo e todas as plataformas que nela estão, incluindo o Youtube. É evidente que a Internet, com sua disseminação em massa por todo o planeta, trouxe para a sociedade importantes ferramentas da comunicação e da tecnologia, entre elas as redes sociais. Segundo o historiador e professor da Universidade de Brasília (UnB), Bruno Leal (2016, p. 43), as redes sociais são um dos fenômenos históricos mais importantes da história da comunicação e da história contemporânea, posto isso, como fenômeno histórico constitutivo da experiência humana no tempo e no espaço, elas devem ser objeto de estudo dos historiadores.

No livro “Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política”, o pesquisador e escritor bielorrusso Evgeny Morozov discute sobre os algoritmos, os dados, as grandes empresas de tecnologia e a participação do Vale do Silício² e outras regiões nesse cenário mundial de uso das tecnologias para fins geopolíticos. Assim, o autor conceitua e discorre sobre a Internet, afirmando:

Como conceito, a internet não é uma foto nítida e em alta resolução da realidade; ela se parece mais com uma das manchas do teste de Rorschach. Assim, dependendo de quem contempla a imagem, e de qual é sua agenda política e ideológica, podem variar muito as lições que dali são extraídas. O problema da “internet”, como conceito regulador no qual basear a crítica ao Vale do Silício, está no fato de ela ser ampla e ambígua demais – incluindo exemplos que levam a conclusões diametralmente opostas –, o que sempre vai permitir ao Vale do Silício uma saída fácil em termos de negação. Portanto, qualquer crítica efetiva requer também que se evite o conceito (Morozov, 2018, p. 21).

Sendo assim, a Internet se tornou, na contemporaneidade, um espaço de manipulação de dados e algoritmos pelos grandes conglomerados tecnológicos para uso dessas ferramentas com finalidades políticas. Além de dar voz e espaço para indivíduos e narrativas que, anteriormente, estavam restritos a falar para pequenas audiências, com esse ambiente digital houve um aumento do alcance e do contingente consumidor do conteúdo presente nas redes. Então, a Internet e as redes sociais abriram espaço para teorias da conspiração, discursos reacionários, fake news e discussões sobre os mais diversos temas e ciências, inclusive a História.

Logo, é evidente o debate histórico travado por não profissionais da história em espaços não acadêmicos sobre assuntos cruciais para a democracia, e a Internet se tornou um desses espaços majoritários. Isso acaba por trazer graves consequências à sociedade, como influenciar negativamente

² O Vale do Silício, na Califórnia, Estados Unidos, é um apelido da região da baía de São Francisco onde estão situadas várias empresas de alta tecnologia, como a Amazon, Google, Youtube e Facebook, destacando-se na produção de circuitos eletrônicos, na eletrônica e informática.

a consciência nacional sobre temas de importância histórica para o Brasil, os quais, na maioria das vezes, são discutidos de forma rasa e negacionista, com contestações pouco embasadas cientificamente e ligadas a cunhos ideológicos que visam enfraquecer as abordagens acadêmicas sobre o tema. Por conseguinte, isso afeta diretamente o ofício do historiador, assim como coloca a produção historiográfica em constante disputa.

Alguns acontecimentos emblemáticos ou eventos do passado considerados sensíveis, como a Ditadura Militar e o Holocausto, são submetidos a um processo de análise e discussão da chamada escrita histórica midiática, que muitas vezes busca construir explicações sobre o passado sem fundamento historiográfico, apenas com a finalidade de manipulação ideológica e disseminação midiática. Embora não se possa negar que, os meios de comunicação exercem um papel relevante na contemporaneidade, quando se fala em formulação e apropriação de sentidos históricos, os conteúdos desse viés adquirem um valor de representação histórica, muitas vezes maior do que os produtos advindos do campo profissional e acadêmico da história (Meneses, 2000).

Nesse sentido, os algoritmos, as postagens, os compartilhamentos, as curtidas e os comentários são mecanismos de disseminação de discursos em massa e têm sido utilizados para fins preocupantes para a sociedade. Devido à possibilidade de anonimato e da criação dos chamados *bots*³, qualquer indivíduo pode publicar conteúdos na Internet, mesmo que sejam negacionistas, anticientificistas e deslegitimem os consensos historiográficos. Além da utilização com intuítos comerciais, para promover a venda de produtos e propagandas das grandes empresas, os algoritmos da Internet também têm sido usados para propagar narrativas e ideias conservadoras. Para além disso, nos últimos anos observamos a incitação de crimes e violências sendo propagadas nas redes sociais.

Apesar do ano de nascimento da Internet ser considerado 1989, a rede de informações só adquiriu caráter comercial e acessível ao público em geral por volta dos anos 1990 (Parreiras, 2022, p. 171). Entretanto, foi somente na última década, mais precisamente no ano de 2016, que houve uma virada de chave nos meios de divulgação de informações, antes divulgadas majoritariamente em canais abertos e jornais, a partir de então passaram a ser divulgadas em maior escala pela Internet e mídias sociais (Meneses, 2021). Ademais, com a chegada da Web 2.0⁴, blogs, Youtube e outras

³ Bot, diminutivo de robot, também conhecido como Internet bot ou web robot, é uma aplicação de software concebido para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão, da mesma forma como faria um robô.

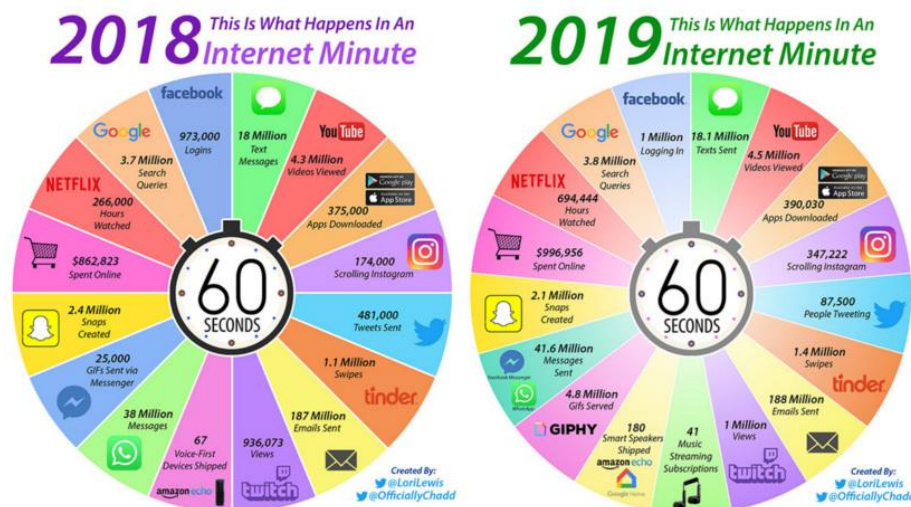
⁴ Web 2.0 é um termo popularizado a partir de 2004 pela empresa americana O'Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "Web enquanto plataforma", envolvendo wikis, aplicativos baseados em folksonomia, redes sociais, blogs e Tecnologia da Informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações.

páginas, o que se pode perceber é um número crescente de pessoas reproduzindo ideias xenofóbicas, preconceituosas e negacionistas.

Dessa forma, existem alguns pontos de suma relevância que fazem com que a Internet tenha se tornado esse fenômeno na história contemporânea. É possível enumerar alguns desses pontos, entre eles está o caráter cotidiano da Internet, apesar do Brasil ainda ser um país com grande percentual de desigualdade social e uma parcela da população não ter acesso a essa rede, milhões de brasileiros acessam a Internet cotidianamente. Segundo dados do relatório 2019 Digital Global (Kemp, 2019) a utilização da Internet possui caráter massivo em todo o mundo, inclusive no Brasil. Conforme o levantamento feito pelo mesmo relatório em 2019, 70% da população faz uso da Internet, ou seja, mais de 149 milhões de pessoas, com 85% desse percentual tendo acesso diariamente. Todavia, o dado mais alarmante é o tempo médio de uso dos brasileiros na Internet em 2019: nove horas e vinte e nove minutos, sendo três horas e trinta e quatro minutos em mídias sociais.

Outrossim, o potencial de gerar escala da Internet é outro fator crucial para a capacidade da mesma em dispersar conteúdo. Devido as suas configurações algorítmicas e ferramentas tecnológicas, o sistema global de redes funciona como um produto que garante reverberação e disseminação em alta velocidade de todo tipo de dados e de informação, mesmo que seja inverídica. Com a ascensão das mídias e plataformas sociais, como o Youtube, Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp, essa capacidade de amplificação atingiu patamares colossais, que envolvem diversos fatores, entre eles os algoritmos que funcionam como filtros de informações direcionadas a cada pessoa específica, as dificuldades de regular essas plataformas e corporações e assim por diante.

De acordo com dados de um levantamento feito pela Visual Capitalist, em relação ao que acontece na Internet em 1 minuto, são feitas 3,8 milhões de buscas no Google e o Youtube é acessado 4,5 milhões de vezes (Desjardins, 2019), além de dados obtidos de outras plataformas. Ou seja, é evidente que os usuários são extremamente ativos e consumidores ferrenhos da web, por isso o alto índice de engajamento e disseminação de conteúdo. A questão a ser refletida é que tipos de conteúdo são esses e o impacto causado nas pessoas que consomem esses discursos, em grande proporção, distorcidos e deturpados. Já que, como pode-se observar na imagem abaixo, as pessoas consomem produções de diversas plataformas digitais e em números volumosos.

Figura 1 - O que acontece em um minuto na Internet em 2019?

Fonte: Visual Capitalist, 2019. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/what-happens-in-an-internet-minute-in-2019/>>

Todas essas nuances criam um cenário na Internet extremamente propício à proliferação e dispersão de conteúdos violentos, reacionários, discriminatórios e qualquer tipo de informação. Associando todo esse contexto, ao cenário político e questões sociais complexas tem-se um ambiente digital com fortes tendências tóxicas e que, apesar de possuir muitos benefícios e melhorias para a sociedade, precisa ser repensado e refletido sobre regulamentações e modos de organização e políticas de uso.

Então, percebe-se uma conexão intrínseca entre negacionismos e Internet, visto que essa rede e as mídias sociais agregam força e oferecem novas ferramentas para esse tipo de atividade. Mesmo a prática de disseminação de notícias falsas e distorção da opinião política para fins estratégicos e geopolíticos existindo desde os impérios da antiguidade, foi com o advento das mídias digitais que esse costume pôde obter uma alta escala com baixo custo e risco, além do acesso a uma audiência global e a possibilidade de criar uma espécie de operação militar dos dados, fazendo com que qualquer pessoa da rede possa se tornar um potencial amplificador (Gomes, 2019).

YOUTUBE: A PLATAFORMA DE COMPARTILHAMENTO DE VÍDEOS QUE ENGAJA MASSAS E DISSEMINA NARRATIVAS

Por esse viés, como vem sendo discutido neste ensaio, a Internet se tornou um fenômeno histórico na contemporaneidade e que deve ser estudado como tal. Assim como, muitas plataformas e redes sociais que estão nela, entre elas o Facebook, o Twitter, o Whatsapp e o Youtube, que será debatido de maneira mais específica ao longo deste artigo. Ambos os sites e mídias exercem um

importante e potente papel de disseminadores de discurso e informações nas redes, sejam eles para fins econômicos, de consumo ou políticos. Neste tópico, analisaremos a inserção e função do Youtube nesse contexto de negacionismo presente nas redes, e particularmente no que se refere a negação da Ditadura Militar.

Em primeiro plano, é pertinente compreender o que é o Youtube, como a plataforma foi criada e suas funções e ferramentas de funcionamento. Logo, o Youtube foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio PayPal⁵ e foi lançado oficialmente em junho de 2005 (Burgess, Green, 2009, p. 17) e é conceituado como sendo:

“Um serviço online de vídeos que permite a seus usuários carregá-los, compartilhá-los, produzi-los e publicá-los em formato digital através de web sites, aparelhos móveis, blogs e e-mails. É possível também participar de comunidades e canais, em que seus usuários podem se inscrever e obter vídeos de seu interesse. Através de programas específicos para o Youtube, pode-se fazer download de vídeos para o computador, utilizando-os como se desejar” (Pellegrini, Reis, Monção, Oliveira, 2010, p. 3).

Com isso, devido à alta visibilidade e a facilidade de acesso, o Youtube passou a ser utilizado para inúmeros tipos de divulgação, incluindo marketing comercial e pessoal, programas de televisão, propagandas políticas e até mesmo assuntos ligados a temas científicos, climáticos e históricos. Os vídeos da plataforma são classificados em diversas categorias, entre elas, comédia, entretenimento, notícias e política, esportes, jogos, filmes e animação, pessoas e blogs, viagens e lugares dentre outros.

Uma das grandes problemáticas a serem pensadas neste artigo é o fato de temas históricos, como a Ditadura Militar Brasileira, serem inseridos nessa variedade de classificações e abordados na plataforma com teor negacionista e atingirem um público tão amplo. E assim, gerar um contraste a ser pensado, já que muitos professores e historiadores também utilizam o Youtube para abordar temas históricos de maneira científica e historiográfica, porém, na grande maioria dos casos, não conseguem alcançar tamanho engajamento e visibilidade quanto os produtores de conteúdo negacionista.

Dessa forma, percebe-se a importância de entender como o Youtube funciona e suas características para que seja possível refletir acerca dessas questões que envolvem o engajamento nos conteúdos negacionistas e a divulgação dos mesmos. Então, conforme os autores Dayse Pellegrini, Diolinda Reis, Philipe Monção e Revel Oliveira (2010, p. 4), a grande variedade de tópicos cobertos pelo Youtube, tornou o compartilhamento de vídeo uma das mais importantes partes da cultura da Internet. O potencial de engajamento e distribuição de conteúdo da plataforma é tamanho que, conforme dados apontam, mais de um bilhão de horas de conteúdo em vídeo são consumidas diariamente nessa mídia social (Abreu, 2019).

⁵ Site da Internet ligado a gerenciamento de transferência de fundos.

Sendo assim, o Youtube utiliza o formato Adobe Flash para viabilizar seu conteúdo e se tornou o site mais popular desse gênero, com mais de 50% do mercado em 2006, logo após a criação da plataforma. Isso se deve à sua possibilidade de hospedar quaisquer tipos de vídeos. Além de que, ainda no ano de 2006, foi anunciado que a companhia seria comprada pela Google por 1,65 bilhão de dólares em ações. A plataforma se tornou a segunda maior aquisição da Google, apesar de ter continuado operando independentemente (Pellegrini, Reis, Monção, Oliveira, 2010, p. 4).

Evidencia-se que, alguns fatores são cruciais para o sucesso da plataforma, entre eles a possibilidade de comentários nos vídeos, que faz com que as pessoas interajam com o conteúdo, criando o que é chamado de cultura participativa⁶. No mais, os links que permitem o compartilhamento e as recomendações de vídeos por meio da lista de “vídeos relacionados”, agindo de acordo com o algoritmo, também são diferenciais que auxiliam na viralização do conteúdo da plataforma. Importante salientar que, segundo Burgess e Green (2009, p. 21), o Youtube não é uma plataforma produtora de conteúdo em si, mas sim uma empresa de mídia agregadora de conteúdo, visto que o site desempenha uma função para os produtores de vídeo, atraindo a atenção para o conteúdo e oferecendo uma participação em dinheiro nas vendas de anúncios no site.

Por isso, é extremamente relevante compreender a influência exercida pelo Youtube nessa era digital contemporânea. A plataforma deixou de ser um site com fins apenas de diversão e entretenimento, se tornando um grande propagador e difusor de informações, ideias e aquisição de conhecimentos diversos. Assim, nos dias atuais, o Youtube é um veículo midiático, social, cultural, educativo e político, tendo potencial significativo na formação e difusão de opinião. Sendo considerado, segundo dados do E-commerce (Wakai, 2017), como substituto da TV aberta por 63% da população conectada e com o crescimento de 90,1% do consumo em apenas três anos.

⁶ Cultura participativa é um termo geralmente usado para descrever a aparente ligação entre tecnologias digitais mais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores. Ou seja, os fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e circulação do novo conteúdo.

Figura 2 - Consumo de vídeo online cresce mais de 90% e interesse por TV paga cai, mostra pesquisa do Youtube.



Fonte: LinkedIn, 2017. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/consumo-de-v%C3%ADdeo-online-cresce-mais-90-e-interesse-por-alice-wakai/?originalSubdomain=pt>>

Dessa forma, fica evidente o potencial de distribuição de informações e elaboração de discurso do Youtube e das redes em geral. Especialmente, a partir de meados de 2016, quando acontecimentos emblemáticos e de caráter político, social e econômico, como a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos da América, a saída do Reino Unido da União Europeia (*Brexit*) e o golpe de impeachment da Dilma Rousseff no Brasil ganharam grande repercussão nas redes sociais e foram alvos de muitos negacionismos e teorias da conspiração. Tanto que, no mesmo ano, o Dicionário de Oxford (*Oxford Dictionaries*) instituiu o termo “*post-truth*” (pós-verdade) como a palavra do ano.

Outrossim, no mesmo período, a circulação de informações, antes divulgadas, majoritariamente, em grandes veículos de comunicação, a exemplo do Grupo Globo e da Folha de S. Paulo passaram a ser compartilhadas em maior escala nas redes sociodigitais (Meneses, 2021, p. 64). Inclusive, entre a segunda metade dos anos 90 e a primeira década de 2000, a Folha se tornou um dos mais importantes veículos de discussão política no país, tendo conseguido desvincular sua imagem ao apoio do Golpe de 64. Diante dessas circunstâncias, Geraldo Homero do Couto Neto (2019) aponta que o Youtube é uma ferramenta essencial para o entendimento da História Pública brasileira, posto que é evidente o aumento crescente de assuntos históricos sendo abordados por canais dessa plataforma.

Por esse prisma, foi-se formando nos últimos anos, uma rede de canais no Youtube ligados às extremas direitas que propagam ideais conservadores em vários países, inclusive no Brasil. Aliás, muitos desses canais reacionários direitistas foram considerados essenciais para a ascensão à

presidência de Donald Trump, nos Estados Unidos em 2016. Ademais, o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro chegou a afirmar, no início do seu mandato, que os canais de direita do Youtube eram fontes de informação confiáveis e seriam alternativas ao jornalismo tradicional, que segundo discursos da direita reacionária, não é confiável e apresenta parcialidade.

É fato que o Youtube não é o único veículo difusor de narrativas conservadoras e reacionárias, figuras como Olavo de Carvalho, Ali Kamel e Kim Kataguirí possuíam colunas em jornais de grande circulação, como O Globo e a Folha de S. Paulo, desde fins dos anos 1990 e início dos anos 2000, o que garantia, de certa maneira, legitimidade aos seus discursos. Todavia, muitos grupos negacionistas ficavam fora desse ambiente jornalístico tradicional, como os terraplanistas, movimentos antivacina, religiosos radicalistas e que encontraram no Youtube e nas redes sociais espaços para difundirem suas ideias reacionárias e de negação da ciência e da história.

Apesar da liberdade e facilidade de acesso aos conteúdos na plataforma de compartilhamento de vídeos, por meio dos mecanismos de busca internos, por recomendações, por notificações de canais, por notificações como sugestões de vídeos que possam interessar segundo o algoritmo e por links diretos para vídeos que acabam circulando por outras redes sociais, o Youtube segue os chamados quatro “Rs” para combater conteúdos nocivos. São eles: Remoção de conteúdo impróprio, Recomendação de conteúdo confiável, Redução de acessos aos conteúdos impróprios e Recompensa ao conteúdo de qualidade (Santos, 2022, p. 357).

Porém, essa estratégia da plataforma é alvo de debates constantes sobre sua eficácia. Visto que, mesmo com esses mecanismos, ainda é exorbitante a quantidade de informações falsas e negacionistas que circulam nos canais do Youtube. Então, é evidente que alternativas precisam ser pensadas a respeito do controle do conteúdo dessas redes, por isso que alguns países já discutem e falam sobre questões como regulamentação da mídia, a fim de obter um controle sobre essas informações falsas.

Por esse prisma, algumas teorias e hipóteses vêm sendo estudadas para explicar esse fenômeno das mídias digitais, o aumento das buscas por conteúdos históricos nas redes e a falta de credibilidade das pessoas pela ciência, pela historiografia e até mesmo pelas fontes de notícias que apresentam maior legitimidade do que canais do Youtube sem embasamento jornalístico e referências. Benjamin Loveluck (2018) aponta para um ideal liberal de doutrinas que constituem o chamado “liberalismo informacional”, uma filosofia política que contempla a livre-circulação da informação se tornar a principal base da autonomia individual e coletiva.

Ou seja, o autor francês pontua a respeito dos discursos entusiastas sobre as redes difundidos na sociedade, que enxergam as redes de compartilhamento como formas de exercer a liberdade de expressão, de difusão de conhecimento e de criação e inovação. Por isso, na contemporaneidade, a

busca majoritária por informações nas redes, ao invés de livros, fontes históricas ou matérias de jornais. Outra teoria interessante, é o apelo das pessoas pela experiência pessoal em sobreposição a consensos estabelecidos pela ciência ou pela História. Por exemplo, muitos são os discursos de pessoas que viveram no período da Ditadura, mas afirmam não ter sido uma ditadura por não terem sido torturadas ou visto crimes e atos antidemocráticos, mesmo sendo um consenso historiográfico que o período de 1964 a 1985 foi sim, uma Ditadura no Brasil.

Nesse sentido, isso se configura como uma crise epistemológica no tempo presente (Marineli, 2020) cuja principal característica é o apelo das pessoas pelas suas experiências pessoais e a rejeição pelas pesquisas, instituições, ciência, imprensa e pela História. Assim, esse cenário é extremamente problemático e preocupante para a sociedade e acumula uma série de consequências danosas, como o surgimento de grupos que questionam consensos científicos estabelecidos e comprovados há séculos, a exemplo dos grupos terraplanistas que contrariam a esfericidade da Terra entre outros. Portanto, um ponto nevrálgico dessa discussão é justamente essa falta de confiança das pessoas nas instituições científicas e democráticas, corroborando com o que Fábio Marineli chama de crise epistemológica e crise de relação com a verdade que se instaurou na contemporaneidade.

PARA ALÉM DOS MUROS UNIVERSITÁRIOS: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E HISTÓRIA PÚBLICA

Diante do exposto nos tópicos anteriores, fica evidente que a comunidade acadêmica e a sociedade como um todo têm uma problemática grande para enfrentar que é a proliferação exacerbada de negacionismos históricos na esfera pública brasileira. Contudo, algumas medidas importantes e pedagógicas vêm sendo pensadas e adotadas pelos historiadores e historiadoras para combater esse avanço de narrativas negacionistas sobre a história, bem como os usos políticos e abusivos feitos do passado por grupos de extrema-direita.

Entre essas ações e medidas de combate aos negacionismos estão as discussões sobre História Pública e divulgação científica. A História Pública tem como um dos seus principais objetivos estimular a consciência histórica para públicos amplos, não apenas acadêmicos. O foco é desenvolver uma história para o público, com o público e feita pelo público, como aponta Ricardo Santhiago (2016, p. 28). Logo, desenvolver na população um letramento histórico auxiliaria essas pessoas a identificarem falseamentos do passado e seus usos políticos e ideológicos de forma abusiva e indevidamente articulada.

No mais, a História Pública é:

“uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a história pública pode ser definida como um ato de “abrir portas e não de construir muros”, nas palavras de Benjamin Filene” (Almeida; Rovai, 2011, p. 7).

Já a divulgação científica é um conceito também relacionado à História Pública e a essa busca por maneiras de democratizar o conhecimento histórico. Também podendo ser referida como comunicação da ciência, popularização da ciência, comunicação pública da ciência e tecnologia, engajamento público da ciência e outros, ela é extremamente relevante para a sociedade e auxilia na tomada de decisões dos cidadãos e cidadãs. Todavia, é importante que a divulgação científica vá além da transmissão do conhecimento científico e aborde questões como a relevância social da ciência, mantenha um diálogo em que se fale sobre os processos científicos, que corrobore com a diferenciação entre notícias verdadeiras e falsas entre outros (Massarani, 2022, p. 116).

Sendo assim, gostaria de apresentar aqui uma iniciativa de divulgação científica e História Pública desenvolvida no Laboratório de Pesquisa em História Cultural – LAPEHC da Universidade Regional do Cariri – URCA do qual fiz parte como bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. O projeto, com coordenação geral da Profa. Dra. Sônia Meneses e outros dois coordenadores, a Profa. Dra. Jane Semeão e o Prof. Dr. Egberto Melo consistia no mapeamento de negacionismos históricos, climáticos e sobre a Covid-19 na cena pública.

Como produto das pesquisas desenvolvidas no projeto, que contava com outros cinco bolsistas de Iniciação Científica, criamos uma página de divulgação científica no Instagram intitulada “Negacionismo Científico” (@negacionismo_cientifico)⁷. A página foi criada no ano de 2023 e segue ativa até os dias atuais, com outros bolsistas, já que alguns, assim como eu, finalizaram a graduação e seguiram para o Mestrado ou mercado de trabalho. Atualmente, a página conta com 764 seguidores e cerca de 140 publicações abordando temas relacionados ao negacionismo do Holocausto, da Ditadura Militar, negacionismo climático, Antropoceno, negacionismo da Covid-19 e das vacinas e uma série de outros assuntos e abordagens voltadas para um público amplo e não acadêmico, necessariamente.

Essa iniciativa rendeu ao Laboratório, aos bolsistas e aos coordenadores a ampliação dos conhecimentos sobre o trabalho com as mídias digitais, pesquisas sobre História Digital, História Pública e divulgação científica. No mais, a fim de associar o trabalho acadêmico com o trabalho de

⁷ Link de acesso à página: https://www.instagram.com/negacionismo_cientifico/.

divulgação nas redes, essa pesquisa também foi apresentada em diversos eventos acadêmicos como o Seminário Nacional da ANPUH em 2023 ocorrido em São Luís – MA. Além disso, os bolsistas que estagiavam nas escolas da rede básica apresentavam aos alunos a página e os conteúdos abordados.

Por fim, entende-se que essa é uma iniciativa de extrema importância para a democratização do conhecimento histórico, para o combate aos negacionismos e para pensarmos a nossa atuação enquanto historiadores e historiadoras do tempo presente, nosso compromisso ético-político e social. Afinal, fazer HTP nos dias atuais é pensar a partir e para o mundo e para a nossa sociedade, com base nas alteridades existentes, como afirmam Marcello Rangel, Rogério Rosa Rodrigues e Augusto Leite (2022, p. 56).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, levando em consideração os pontos esboçados ao longo desse artigo, fica notório como o negacionismo é um fenômeno nocivo para a formação social brasileira e como ele se alimenta dos algoritmos e das mídias digitais para se proliferar em larga escala. Assim como, os grupos reacionários e de extrema-direita também fazem usos estratégicos dessas ferramentas para disseminar falseamentos e desinformação. Como apontado por Da Empoli (2022), países como os Estados Unidos, Brasil, Itália e Índia foram e vem sendo afetados pela ascensão da extrema-direita sob a bandeira da negação e das fake news.

Logo, todo esse cenário corrobora com o constante ataque à democracia e à falta de crença nas instituições científicas e democráticas, visto que o negacionismo é, substancialmente, antidemocrático e anti-intelectual (Szwako, 2020). Esse cenário de proliferação de falseamentos históricos faz com que figuras como Trump, Bolsonaro ou Salvini, sejam eleitos de forma democrática, por meio da manipulação de dados e narrativas para influenciar as pessoas no momento do voto. Ou seja, os engenheiros do caos fazem uso do sistema democrático para depois atacá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Leandro. 23 estatísticas do Youtube que comprovam por que a plataforma é uma das maiores redes sociais. **ROCKCONTENT**, 2019. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/estatisticas-do-youtube/#:~:text=23%20estat%C3%ADsticas%20do%20Youtube%20que%20comprovam%20por%20que,e%20canais%20...%204%20Divulga%C3%A7%C3%A3o%20e%20publicidade%20>>. Acesso: 05 mar. 2023.

- ALMEIDA, Juniele; ROVAI, Marta. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- BURGESS, Jean. GREEN, Joshua. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.
- CALDEIRA NETO, Odilon. **Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história**. Antíteses, Londrina, vol. 2, n. 4, pp. 1097-1123, jul-dez., 2009.
- DESJARDINS, Jeff. What Happens in an Internet Minute in 2019? **VISUAL CAPITALIST**, 2019. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/what-happens-in-an-internet-minute-in-2019/>>. Acesso: 07 fev. 2023.
- DO COUTO NETO, G. H. A “nova direita” no Youtube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar Brasileira. Vitória: Revista Ágora, n. 29, p. 83-103, 2019.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2022.
- GOMES, Thiago Freire André. **Agências de Checagem e o trabalho de combate à desinformação: um estudo de caso dos projetos Comprova e Fato ou Fake**. 2019. 79 p. Monografia (Curso de Comunicação com Habilitação em Jornalismo). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.
- KEMP, Simon. Digital 2019 Global Digital Overview. **HOOTSUITE; WE ARE SOCIAL**, 2019. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2019-global-digital-overview>>. Acesso: 06 fev. 2023.
- LEAL, Bruno. **História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo**. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.
- LEITE, Augusto B.; RANGEL, Marcelo; RODRIGUES, Rogério. **Os tempos da História: novas perspectivas**. In: RODRIGUES, Rogério; CUBAS, Caroline; OLIVEIRA, Fernanda; CONEDERA, Leonardo (Org.). Fio que se faz trama: a História do Tempo Presente e a responsabilidade na pesquisa histórica. Vitória, ES: Editora Milfontes, p. 37-60, 2022.
- LOVELUCK, Benjamin. **Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da internet**. São Paulo, Vozes. 2018.
- MASSARANI, Luisa. **Divulgação Científica**. In: SZWAKO, José; RATTON, José Luiz. (Org.). Dicionário dos Negacionismos no Brasil. Recife: Editora CEPE, p. 115-118, 2022.
- MARINELI, Fábio. **O terraplanismo e o apelo à experiência pessoal como critério epistemológico**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 37, n. 3, p. 1173-1192, dez. 2020.
- MENESES, Sônia. **História e mídia: as apropriações do passado numa escrita de fronteira**. In: REIS, Tiago; SOUZA, Carla; OLIVEIRA, Monalisa; JÚNIOR, Américo. (Org.). Coleção História do Tempo Presente. Roraima: Editora UFRR, v. 1, p. 63-77, 2019.
- MENESES, Sônia. **Os vendedores de passados: a escrita da história como produto da mídia**. Tempos Históricos, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 70-90, 2000.

MENESES, Sônia. **Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 41, n. 87, 2021.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

OLIVEIRA, Ana Fernanda. **O sentido da história para a École des Annales**. 2014. 171 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara – SP, Universidade Estadual Paulista.

PARREIRAS, Carolina. **Internet**. In: SZWAKO, José; RATTON, José Luiz. (Org.). Dicionário dos Negacionismos no Brasil. Recife: Editora CEPE, p. 171-173, 2022.

PELLEGRINI, Dayse Pereira; REIS, Diolinda Dias; MONÇÃO, Philipe Costa e OLIVEIRA, Ravel. **Youtube. Uma nova fonte de discursos**. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2010.

ROCHA, João César de Castro. **Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTHIAGO, Ricardo. **Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a História Pública no Brasil**. In: MAUAD, Ana; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, p. 23-35, 2016.

SANTOS, João Guilherme. **Youtube**. In: SZWAKO, José; RATTON, José Luiz. (Org.). Dicionário dos Negacionismos no Brasil. Recife: Editora CEPE, p. 356-359, 2022.

SZWAKO, José. **O que nega o negacionismo**. Cadernos de Subjetividades, São Paulo, v. 1, n. 21, pp. 71-78, 2020.

WAKAI, Alice. Consumo de vídeo online cresce mais de 90% e interesse por TV paga cai, mostra pesquisa do YouTube. **LINKEDIN**, 2017. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/consumo-de-v%C3%ADdeo-online-cresce-mais-90-e-interesse-por-alice-wakai/?originalSubdomain=pt>>. Acesso em: 17 mar. 2023.